

EDITORIAL

O século XVIII, cognominado “das Luzes”, é visto, por vezes, de forma mitificadamente luminosa, como o século da Grande Ruptura. É o século da Enciclopédia, da afirmação plena da Razão como senhora onipotente no âmbito cultural, científico e até político. Desenha-se então a ideia de progresso e proclama-se o otimismo no que respeita às possibilidades humanas de construir um mundo novo e uma sociedade aperfeiçoada. Detesta-se o antigo e canta-se o novo como mito mobilizador para a nova universalidade que se quer construir à luz de um saber edificado e escrutinado pelos critérios e métodos definidos pela única faculdade humana considerada credível para aferir a verdade: a faculdade de raciocínio crítico produtor de pensamento e inteligência credível sobre a realidade.

Novas leis, novas filosofias, novas verdades científicas, novas formas de olhar a história, novos modos de entender o homem, nova teologia, nova forma de conceber e exercer o poder, nova arte, nova literatura, nova cultura e, fundamentalmente, nova educação. Tudo é dado como novo e iluminado, como se tudo tivesse aparecido *exnihilo* e a anterioridade imediata pouco valesse. Esta imagem da emergência da corrente cultural iluminista tendeu a cristalizar-se em manuais escolares e em visões mais ou menos simples que passam em muitos livros sobre o período da ilustração. Nesta nova conjuntura, os Jesuítas são tidos como anti-heróis ou protagonistas negativos do novo paradigma. Diabolizados enquanto conspiradores e fautores do ostracismo e das anti-Luzes, os inicianos parecem ser os grandes perdedores deste século

Assim, sedimentou-se a imagem de que a Grande Ruptura do século XVIII teria permitido a inauguração de uma época de ilustração racional nunca antes vista para a humanidade. Contudo, representa-se na propaganda que a possibilidade dessa ruptura só poderia ter sido alcançada mediante a remoção definitiva do grande obstáculo que os Jesuítas e o seu ensino escolástico constituíam. Quer políticos, quer intelectuais investiram

muitos recursos numa propaganda e em medidas persecutórias para eliminar os jesuítas e depositar no “lixo tóxico” da história todo o seu legado.

Esta foi a história que nos foi vendida por uma propaganda, cujos resquícios ainda permanecem até hoje e nos dificultam a construção de uma perspectiva daquele século e dos seus atores culturais e políticos de maneira menos simplista. Algumas constatações e questões orientadoras podem ajudar-nos a compreender que a Grande Ruptura proclamada pela propaganda e acreditada pela legião de seus adeptos estava muito mais evada de continuidade com relação ao passado do que se fez crer.

Por um lado, boa parte da elite de intelectuais que fizeram o iluminismo europeu e que depois rejeitaram a Companhia de Jesus foram formados pelos Jesuítas em seus colégios e universidades, que depois os políticos das Luzes mandaram fechar.

Por outro lado, a própria Companhia de Jesus, naquele século de grandes possibilidades para repensar os paradigmas devido às novas descobertas e teorias científicas, passava por um processo de atualização de métodos e teorias, sobretudo nos domínios da matemática, física, geografia, cartografia, biologia, medicina ou linguística. É possível que a Ordem de Santo Inácio fosse a instituição internacional que detinha a informação mais atualizada em tempo recorde para a época das novidades científicas e filosóficas que se registavam a nível global, fazendo-as circular na sua rede intercontinental e debatendo-as à luz do método escolástico da *disputatio* como hipótese de trabalho intelectual, embora nem sempre aderindo às novas teses.

É este o desafio que se apresenta aqui a um conjunto de estudiosos que se propuseram a contribuir para dois números temáticos de nossa Revista de Estudos de Cultura, analisando o século XVIII à luz desta relação complexa entre Jesuítas e Ilustração. No primeiro volume, a discussão se inicia com **Jesuítas e Colonos na Amazônia Portuguesa: contendas e compromissos (sécs. XVII e XVIII)**, artigo de Roberta Lobão Carvalho e Karl Heinz Arenz que, partindo do pressuposto de que as tensões entre os dois agentes-chave da colonização portuguesa não devem ser compreendidas como um dado absoluto, analisa nas entrelinhas das fontes as evidências de que missionários e moradores

compartilharam determinados interesses, empregando, conforme a situação, uma argumentação parecida ou, até, buscando estabelecer compromissos aceitáveis para os dois lados.

“Ni V. E ignora que no he tenido ociosa la Pluma”: a polémica produção escrita de um jesuíta durante o Tratado de Limites, de Eduardo Neumann, analisa a trajetória de Bernardo Ybáñez Echavarri, religioso expulso da Companhia de Jesus em 1757, quando ocupava o cargo de capelão da primeira comissão demarcadora no rio da Prata. O tema merece atenção tanto por conta das circunstâncias da expulsão, assunto marcado por desconfianças e intrigas, mas principalmente pela polémica gerada a partir da produção escrita desse ex-jesuíta, um homem de letras que acionava a pluma com facilidade contra aqueles que julgava seus inimigos. **A inserção dos jesuítas João Daniel e David Fáy no clima de opinião da Ilustração ibérica e europeia**, por sua vez, é um artigo escrito por Beatriz Helena Domingues e Breno Machado dos Santos que analisa o caso de dois jesuítas setecentistas que possuem em comum, entre vários aspectos, o fato de terem deixado registrada sua participação no clima de pensamento do século XVIII a partir de sua experiência na Amazônia portuguesa. Nessa mesma linha, **Análise de documento histórico: a petição de balthasar pucheta**, de Selson Garutti, apresenta uma pesquisa exploratória que tem por objetivo uma análise textual de cunho histórico da Petição (documento) apresentada por Balthasar Pucheta ao Governador do Paraguai, acusando os jesuítas e suplicando que os índios do Itatim voltem a prestar serviço pessoal.

Trabalho e salvação, trabalho e liberdade: a Companhia de Jesus e as Luzes diante da escravidão, de Laurent de Saes, busca mostrar que, para além dos elementos de ruptura que separam o pensamento escolástico jesuítico e a filosofia das Luzes, é possível identificar uma linha de continuidade referente à postura de inicianos e *philosophes* diante da questão da escravidão. Segundo o autor, se há ruptura quanto à aceitação ou não de títulos que legitimariam a redução à condição de escravo, a continuidade emerge quando se trata de refletir sobre as condições da liberdade de índios e negros e o papel pedagógico que o trabalho deve exercer na formação de determinadas populações, supos-

tamente despreparadas para o exercício dos direitos inerentes à liberdade civil.

Em **O Martírio dos Jesuítas: Malagrida e a “Idade de Razão”**, Célia Cristina da Silva Tavares explora as contradições existentes entre o uso exemplar do castigo do jesuíta Gabriel Malagrida no contexto de afirmação da “Idade da Razão” na época pombalina. A partir da trajetória da vida missionária no norte e nordeste do Brasil e na corte portuguesa do inaciano italiano, é feita a análise de um jesuíta muito fiel aos ditames tridentinos num mundo em que o império da razão se avizinhava. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, em **Fundamentos ilustrados do governo pombalino para a Amazônia colonial**, analisa como, na correspondência entre Sebastião José de Carvalho e Melo e o duque Manuel Teles da Silva, a convergência de pontos de vista sobre os problemas discutidos fez de Teles uma espécie de consultor ad hoc para as estratégias políticas do Marquês de Pombal e como estas ideias ilustradas serviram de fundamentando para um programa de governo na Amazônia portuguesa.

Este número se encerra com **A companhia de Jesus e artes de curar na América platina setecentista: uma análise de manuscritos jesuítas inéditos**, de Eliane Cristina Deckmann Fleck. Neste artigo, a autora

compartilha conosco os resultados de uma investigação ainda em curso sobre dois manuscritos jesuítas que se mantêm inéditos, o *Libro de Cirugia* (1725) e o *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), escritos, respectivamente, pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro e pelo padre jesuíta José Sánchez Labrador, privilegiando a análise das descrições que os autores fazem de saberes e práticas curativas adotadas nas reduções da Companhia de Jesus da Província Jesuítica do Paraguai. Assim, constata a influência exercida pelas teorias médicas vigentes na Europa do Setecentos e o diálogo que estes missionários mantiveram com autoridades da Medicina e da Farmácia, bem como as evidências da apropriação e circulação de saberes e procedimentos terapêuticos nas obras que estes dois jesuítas escreveram, a partir de suas experiências nas terras de missão na América.

Tenham todos uma excelente leitura.

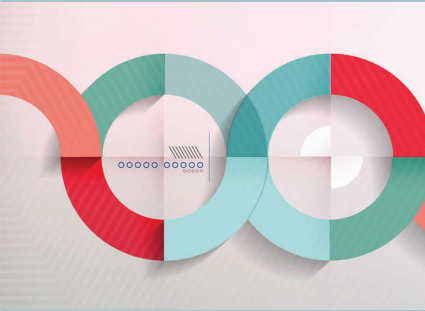
Os editores

José Eduardo Franco

Karl Heinz Arenz

Luiz Eduardo Oliveira

Maria Regina Barcelos Bettiol



EDITORIAL

The eighteenth century, known as the “century of the Enlightenment”, is seen, at times through a mythologically luminous perspective, as the century of the Great Rupture. It is the century of the Encyclopedia, of the full affirmation of Reason as an omnipotent lady in the cultural, scientific and even political sphere. Then the idea of progress is drawn and optimism is proclaimed as to the human possibilities of building a new world and an improved society. The old is detested and the new is sung as a mobilizing myth for the new universality that one wants to construct in the light of a knowledge built and scrutinized by the criteria and methods defined by the only human faculty considered credible to gauge the truth: the faculty of critical reasoning, producer of thought and credible intelligence about reality.

New laws, new philosophies, new scientific truths, new ways of looking at history, new ways of understanding man, new theology, new way of conceiving and exercising power, new art, new literature, new culture and, fundamentally, new education. Everything is given as new and enlightened, as if everything had appeared *exnihilo* and the immediate pastness was of little value. This image of the emergence of the illuminist cultural current tended to crystallize into school textbooks and more or less simple visions found on many books about the period of illustration. In this new context, the Jesuits are regarded as anti-heroes or negative protagonists of the new paradigm. Diabolized as conspirators and supporters of ostracism and anti-Enlightenment, the Ignatians seem to be the great losers of this century.

Thus, the image that the Great Rupture of the eighteenth century would have allowed the inauguration of a time of rational illustration never before seen for the humanity was settled down. However, it is represented in the propaganda that the possibility of this rupture could only have been achieved by definitively removing the great obstacle that the Jesuits and their

scholastic teaching constituted. Both politicians and intellectuals invested many resources in propaganda and persecutory measures to eliminate the Jesuits and to deposit in the “toxic waste” of history all their legacy.

This was the story that was sold to us by an advertisement, whose remnants still remain today and make it difficult for us to build a perspective of that century and its cultural and political actors in a less simplistic way. Some findings and guiding questions may help us to understand that the Great Rupture, proclaimed by the propaganda and accredited by the legion of its followers, was much more vivid of continuity with the past than had been believed.

On the one hand, a good part of the elite of intellectuals, who made the European Enlightenment and who later rejected the Society of Jesus, were formed by the Jesuits in their colleges and universities, which then were ordered to be closed by the politicians of the Enlightenment. On the other hand, the Society of Jesus itself, in that century of great possibilities for rethinking the paradigms due to new discoveries and scientific theories, went through a process of updating methods and theories, especially in the fields of mathematics, physics, geography, cartography, biology, medicine or linguistics. It is possible that the Order of Saint Ignatius was the international institution that had the most up-to-date information in record time for the era of global scientific and philosophical novelties, circulating them in its intercontinental network and debating them in the light of the scholastic method of *disputatio* as a hypothesis of intellectual work, although not always adhering to the new theses.

This is the challenge presented here to a group of scholars who have proposed to contribute to two thematic issues of our *Revista de Estudos de Cultura*, analyzing the eighteenth century in the light of this complex relationship between Jesuits and Illustration. In the first volume, the discussion begins with **Jesuits and Settlers in the Portuguese Amazon: disputes and compromises (17th and 18th century)**, article by Roberta Lobão Carvalho and Karl Heinz Arenz, who started from the belief that the tensions between the two key-agents to Portuguese colonization should not be understood as an absolute data. Their article analyzes between the lines of the sources the evidence that

missionaries and residents shared certain interests, employing, according to the situation, a similar argument or, even, trying to establish compromises acceptable to both sides.

“**Ni V. E ignora que no he tenido ociosa la Pluma**”: the controversial written production of a Jesuit during the *Tratado de Limites*, by Eduardo Neumann, analyzes the trajectory of Bernardo Ybáñez Echavarrí, a religious expelled from the Society of Jesus in 1757, when he held the position of chaplain of the first demarcation commission on the Prata river. The subject deserves attention both because of the circumstances of the expulsion, a subject marked by suspicions and intrigues, but mainly by the controversy generated from the written production of this ex-Jesuit, a man of letters who easily triggered the pen against those who judged his enemies.

The Insertion of the Jesuits João Daniel and David Fáy into the opinion climate of the Iberian as well as European Enlightenment, in turn, is an article written by Beatriz Helena Domingues and Breno Machado dos Santos that analyzes the case of two eighteenth-century jesuits who have in common, among several aspects, the fact that they recorded their participation in the eighteenth century by thinking climate from their experience in the Portuguese Amazon. In the same vein, **Historical Document Analysis: the petition of Balthasar Pucheta**, by Selson Garutti, presents an exploratory research that aims at a textual analysis of a historical nature of the Petition (document) presented by Balthasar Pucheta to the Governor of Paraguay, accusing the Jesuits and begging that the Indians of Itatim return to render personal service.

Work and Salvation, Work and Liberty: The Company of Jesus and the Lights in the Face of Slavery, by Laurent de Saes, seeks to show that, in addition to the elements of rupture that separate scholastic Jesuitical thought and the philosophy of Lights, it is possible to identify a line of continuity regarding the position of ignatian and *philosophes* on the question of slavery. According to the author, if there is a rupture as to the acceptance or not of titles that would legitimize the reduction to the condition of slave, the continuity emerges when it is a question of reflecting on the conditions of Indians and black people’s freedom and the

pedagogical role that the work must exert in certain populations, supposedly unprepared for the exercise of the rights inherent to civil liberty.

In **The Martyrdom of the Jesuits: Malagrida and the “Age of Reason”**, Célia Cristina da Silva Tavares explores the contradictions between the exemplary use of the punishment of the Jesuit Gabriel Malagrida in the context of the affirmation of the “Age of Reason” in the Pombal period. From the trajectory of missionary life in the north and northeast of Brazil and in the Portuguese court of the Ignatian Italian, the analysis is made of a Jesuit very faithful to the tridentine dictates in a world in which the empire of reason was approaching. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, in **Enlightened principles of the Pombaline government for the colonial Amazon**, analyzes how, in the mail between Sebastião José de Carvalho and Melo and the duke Manuel Teles da Silva, the convergence of views on the problems discussed made Teles a kind of *ad hoc* consultant for Marquês de Pombal’s political strategies and how these illustrated ideas served as a basis for a government program in the Portuguese Amazon.

This journal is closed with **The company of Jesus and healing arts in Latin Platinum America: an analysis of Jesuitical unpublished manuscripts**, by Eliane Cristina Deckmann Fleck. In this article, the author

shares with us the results of an ongoing investigation into two Jesuitical manuscripts that remain unpublished, the *Libro de Cirugía* (1725) and the *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), written, respectively, by the Jesuit brother Pedro Montenegro and the Jesuit priest José Sánchez Labrador. The writer privileges the analysis of the descriptions that the mentioned authors make of knowledge and healing practices adopted in the reductions of the Company of Jesus of the Jesuitical Province of Paraguay. Thus, she notes the influence exerted by the medical theories in Europe of the seven hundred and the dialogue that these missionaries maintained with authorities of Medicine and Pharmacy, as well as the evidences of the appropriation and circulation of knowledge and therapeutic procedures in the works that these two Jesuits wrote, from their experiences on mission lands in America.

May everyone have an excellent reading.

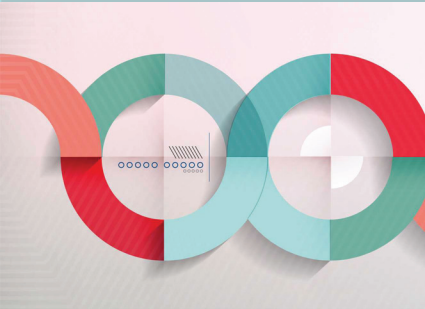
Editors

José Eduardo Franco

Karl Heinz Arenz

Luiz Eduardo Oliveira

Maria Regina Barcelos Bettiol



EDITORIAL

El siglo XVIII, apodado “de las Luces”, se ve, por veces, de forma mitificadamente luminosa, como el siglo de la Gran Ruptura. Es el siglo de la Enciclopedia, de la afirmación plena de la Razón como dama omnipotente en el ambiente cultural, científico e incluso político. Se dibuja la idea de progreso y se proclama el optimismo en lo que se refiere a las posibilidades humanas de construir un mundo nuevo y una sociedad perfeccionada. Se detesta lo antiguo y se alaba lo nuevo como mito impulsor para la nueva universalidad que se quiere construir a la luz de un saber edificado e escrutado por los criterios y métodos definidos por la única facultad humana considerada acreditada para evaluar la verdad: la facultad de razonamiento crítico productor de pensamiento e inteligencia acreditada sobre la realidad.

Nuevas leyes, nuevas filosofías, nuevas verdades científicas, nuevas formas de ver la historia, nuevos modos de entender el hombre, nueva teología, nueva forma de concebir y ejercer el poder, nuevo arte, nueva literatura, nueva cultura y, fundamentalmente, nueva educación. Todo se da como nuevo y alumbrado, como si todo hubiera aparecido *exnihilo* y la anterioridad inmediata valiera poco. Esta imagen de la emergencia de la corriente cultural ilustrada tendió a cristalizarse en los manuales escolares y en visiones más o menos sencillas que están en muchos libros sobre el periodo de la Ilustración. En esta nueva coyuntura, los Jesuitas son vistos como antihéroes o protagonistas negativos del nuevo paradigma. Demonizados como conspiradores y favorecedores del ostracismo y de las anti-Luces, los ignacianos parecen ser los grandes perdedores de este siglo.

Así, se sedimentó la imagen de que la Gran Ruptura del siglo XVIII habría permitido la apertura de una época de ilustración racional nunca antes vista para la humanidad. Sin embargo, se representa en la propaganda que la posibilidad de esa ruptura sólo podría haber sido lograda a través de la eliminación permanente del gran obstáculo que los Jesuitas y su enseñanza

escolástica constituían. Ya políticos, ya intelectuales invirtieron muchos recursos en una propaganda y en medidas persecutorias para eliminar a los jesuitas y depositar en la “basura tóxica” de la historia todo su legado.

Esta fue la historia que nos han vendido por una propaganda, cuyos residuos aún permanecen hasta hoy y nos dificultan la construcción de una perspectiva de aquel siglo y de sus actores culturales y políticos de modo menos simplista. Algunas constataciones y cuestiones orientadoras nos pueden ayudar a comprender que la Gran Ruptura proclamada por la propaganda y acreditada por la legión de sus adeptos estaba mucho más plagada de continuidad en relación al pasado que lo creíamos.

Por un lado, buena parte de la élite de intelectuales que construyeron la ilustración europea y que después rechazaron la Compañía de Jesús había sido conformada por los Jesuitas en sus colegios y universidades, que se mandaron cerrar posteriormente por los políticos de las Luces. Por otro lado, la propia Compañía de Jesús, en aquel siglo de grandes posibilidades para repensar los paradigmas por cuenta de los nuevos hallazgos y teorías científicas, pasaba por un proceso de actualización de métodos y teorías, principalmente en los dominios de las matemáticas, física, geografía, cartografía, biología, medicina o lingüística. Es posible que la Orden de San Ignacio hubiera sido la institución internacional que detenía la información más actualizada en tiempo récord para la época de las novedades científicas y filosóficas que se registraban a nivel global, circulándolas en su red intercontinental y debatiéndolas a la luz del método escolástico de la *disputatio* como hipótesis de trabajo intelectual, aunque no siempre estuviera adherido a las nuevas tesis.

Es este el reto que se presenta aquí a un conjunto de estudiosos que se propusieron contribuir para dos números temáticos de nuestra Revista de Estudios de Cultura, analizando el siglo XVIII a la luz de esta relación compleja entre Jesuitas y la Ilustración. En el primer volumen, la discusión se inicia con **Jesuitas y Colonos en la Amazonia Portuguesa: contiendas y compromisos (siglos XVII y XVIII)**, artículo de Roberta Lobão Carvalho y Karl Heinz Arenz que, a partir del supuesto de que las tensiones entre los

dos agentes-clave de la colonización portuguesa no se deben comprender como un dato absoluto, analiza en las entrelíneas de las fuentes las evidencias de que misioneros y residentes compartieron ciertos intereses, usando según la situación, una argumentación parecida o incluso tratando de establecer compromisos aceptables para ambas partes.

“**Ni V. E ignora que no he tenido ociosa la Pluma**”: la polémica producción escrita de un jesuita durante el Tratado de Límites, de Eduardo Neumann, analiza la trayectoria de Bernardo Ybáñez Echavarrí, religioso que fue expulsado de la Compañía de Jesús en 1757, cuando ocupaba el puesto de capellán de la primera comisión demarcadora en el río de la Plata. El tema merece atención tanto por cuenta de las circunstancias de la expulsión, asunto marcado por las desconfianzas y las intrigas, como principalmente por la polémica generada a partir de la producción escrita de ese ex-jesuita, un hombre de letras que manejaba la pluma con facilidad en contra de aquellos que tomaba como sus enemigos. **La inserción de los jesuitas João Daniel y David Fáy en el clima de opinión de la Ilustración ibérica y europea**, por su vez, es un artículo escrito por Beatriz Helena Domingues y Breno Machado dos Santos que analiza el caso de dos jesuitas del siglo XVIII que poseen en común, entre varios aspectos, el hecho de que registraron su participación en el clima de pensamiento a partir de sus experiencias en la Amazonia portuguesa. Alineado a ese contexto, **Análisis de documento histórico: la petición de balthasar pucheta**, de Selson Garutti, presenta una investigación exploratoria que tiene por objetivo un análisis textual de naturaleza histórica de la Petición (documento) que Balthasar Pucheta le presentó al Gobernador del Paraguay, acusándoles a los jesuitas y suplicando que los indios del Itatim volvieran a prestar servicio personal.

Trabajo y salvación, trabajo y libertad: la Compañía de Jesús y las Luces delante de la esclavitud, de Laurent de Saes, pretende mostrar que, allende elementos de ruptura que separan el pensamiento escolástico jesuítico y la filosofía de las Luces, es posible identificar una línea de continuidad referente a la postura de ignacianos y *philosophes* delante de la cuestión de la esclavitud. De acuerdo con el autor, si hay ruptura en lo que concierne a la aceptación o no de títulos que legi-

timarían la reducción a la condición de esclavo, a continuidad emerge cuando se trata de reflexionar sobre las condiciones de la libertad de indios y negros y el rol pedagógico que el trabajo debe ejercer en la formación de determinadas poblaciones, supuestamente despreparadas para el ejercicio de los derechos inherentes a la libertad civil.

En **El Martirio de los Jesuitas: Malagrida y la “Edad de Razón”**, Célia Cristina da Silva Tavares explora las contradicciones existentes entre el uso ejemplar del castigo del jesuita Gabriel Malagrida en el contexto de afirmación de la “Edad de la Razón” en la época pombalina. A partir de la trayectoria de la vida misionera en el norte y nordeste de Brasil y en la corte portuguesa del ignaciano italiano, se produce el análisis de un jesuita muy fiel a los dictámenes tridentinos en un mundo en el que el imperio de la razón se avecinaba. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, en **Fundamentos ilustrados del gobierno pombalino para la Amazonia colonial**, analiza como, en la correspondencia entre Sebastião José de Carvalho e Melo y el duque Manuel Teles da Silva, la convergencia de puntos de vista sobre los problemas discutidos hizo de Teles una especie de consultor ad hoc para las estrategias políticas del Marqués de Pombal y el modo como estas ideas ilustradas sirvieron de fundamentando para un programa de gobierno en la Amazonia portuguesa.

Este número finaliza con **La compañía de Jesús y artes de curar en la América platina del siglo XVIII:**

un análisis de manuscritos jesuíticos inédito, de Eliane Cristina Deckmann Fleck. En este artículo, la autora nos comparte los resultados de una investigación que está todavía en curso sobre dos manuscritos jesuíticos que se mantienen inéditos, el *Libro de Cirugía* (1725) y el *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), escritos, respectivamente, por el hermano jesuita Pedro Montenegro y por el padre jesuita José Sánchez Labrador, privilegiando el análisis de las descripciones que los autores hacen de los saberes y prácticas curativas adoptadas en las reducciones de la Compañía de Jesús de la Provincia Jesuítica del Paraguay. De ese modo, constata la influencia ejercida por las teorías médicas vigentes en la Europa del siglo dieciocho y el diálogo que estos misioneros mantuvieron con las autoridades de Medicina y de Farmacia, así como las evidencias de apropiación y circulación de saberes y conductas terapéuticos en las obras que estos dos jesuitas han escrito, a partir de sus experiencias en las tierras de misión en la América.

A todos una excelente lectura.

Los editores

José Eduardo Franco

Karl Heinz Arenz

Luiz Eduardo Oliveira

Maria Regina Barcelos Bettiol

